

# jornal da tarde

Publicado pelo S.A. O Estado de S. Paulo  
Av. Engenheiro Coetano Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PABX).



JÚLIO MESQUITA  
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA  
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

José Vieira de Carvalho Mesquita  
Júlio de Mesquita Neto  
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita  
Ruy Mesquita  
César Táctico Lopes Costa  
José M. Homem de Montes  
Oliveiros S. Ferreira

## Apenas mais um exemplo da maldição brasileira?

Bastou surgirem os primeiros sinais indiscutíveis de que o seu plano de combate à inflação está naufragando — sinais estes que foram dados por um órgão do próprio governo, a Seap, que prevê uma inflação de 6% em agosto e sempre crescente nos meses seguintes até atingir 10% antes do fim do ano — e o ministro Bresser Pereira, mostrando que também não está infenso à força sedutora do poder, deixou de lado a atitude serena, humilde e equilibrada que o distinguiu dos seus predecessores no cargo e que, mais do que qualquer resultado prático conseguido por sua gestão à frente do Ministério da Fazenda, justificava uma mudança de expectativas na população brasileira.

Pode ser apenas mais um dos seus rompantes. Mas o que parece é que, impotente diante das pressões políticas para que o governo continue gastando sempre mais e cobrando a conta da Nação, o ministro desistiu da esperança de se manter no seu cargo pelo único expediente que justifica a permanência de quem quer que seja num cargo público, isto é, pela apresentação de resultados. Ele já começa a deixar-se arrastar pela mesma ilusão que seduziu os seus predecessores: a de, na falta de resultados, aferrar-se ao poder fazendo concessões aos mesmos políticos que sabotam os seus planos econômicos.

O que nos passa esta desanimadora impressão é a resposta que o ministro Bresser Pereira deu ao presidente da Associação Brasileira de Supermercados, Artur Sendas, que criticou o governo pelo descontrole dos gastos públicos apontando-os como causa da inflação durante a 21ª Convenção Nacional de Empresas de Supermercado, aberta segunda-feira no Rio-Centro. Adotando o mesmo tom arrogante, prepotente e auto-suficiente do sr. Dílson Funaro, o ministro Bresser Pereira, sem tentar esconder a sua irritação diante do reles mortal que ousou criticá-lo (ou, pelo menos, ao governo ao qual serve), disse que ia “dar-lhe uma aulinha de inflação”. E então, diante de uma boquiaberta platéia de “congelados” saiu-se com aquela velha cantilena de que “o déficit público não é a causa primária da inflação”, etc. etc. e tal.

Os números e as contradições do ministro estão no editorial ao lado. O leitor poderá desesperar-se com eles a seguir. Mas dizer esta enormidade na véspera da reunião em que, supostamente, receberá “carta branca” do sr. Sarney para “cortar gastos”, a uma opinião pública a quem já não se podem apresentar os “bodes expiatórios” da “exportação líquida de capitais”; da pressão dos salários sobre a equação demanda/produção, já que eles estão rigorosa e dolorosamente congelados; da “sabotagem” dos “Bakunins” da empresa privada, já que o ágio ainda não surgiu, é mesmo muita cara-de-pau.

Aliás, este não foi o primeiro sinal de derrapagem do ministro Bresser para o mesmo trilho em que viajava o sr. Dílson Funaro.

Já no fim de semana, falando a O Estado de S. Paulo, ele tinha dito, dentro do mais puro estilo do patrulheiro ideológico, que sugerir que o Brasil recorra ao FMI “é coisa de réacionário”. Assim, tememos que não demore muito para que ouçamos tudo de novo: “Quem está comigo é patriota, quem discorda de mim é mau caráter ou traidor da Pátria”...

O resto deste governo, como se sabe, já era assim. O sr. Sarney vive vendo luzes no fim do túnel enquanto a escuridão aqui fora fica cada vez maior; volta do México falando no “apoio” que recebeu para “a posição brasileira” (da moratória burra que deve ser levada às últimas consequências), mas não mencionou que este mesmo México aproveitou o susto que o Brasil deu nos credores para fazer o seu acordo bonitinho com o FMI, pagando 0,85% acima da Libor de juros enquanto nós pagamos 1,5%; que este mesmo México e aquele mesmo presidente de la Madrid que o aplaudiu quando ele falou em “mantermo-nos independentes em relação aos EUA”, estão promovendo a maior, mais ampla e mais rápida abertura da economia mexicana para os capitais estrangeiros, principalmente norte-americanos, que se registrou em qualquer economia do mundo em todos os tempos. Para gáudio do sr. de la Madrid e dos mexicanos, o dinheiro ianque está entrando como água em todos os setores da economia do país: foram 2,4 bilhões de dólares só entre junho do ano passado e agosto deste ano, e outros 600 milhões já estão em etapa final de acordo, prontos para entrar pelo canal da conversão de dívida em investimentos que a Fundação Pedroso Horta do PMDB, comandada pelo luminoso sr. Severo Gomes, quer fechar no Brasil. Outros 700 milhões de dólares já entraram na forma de investimentos de risco, independentes da dívida. Por isso o sr. de la Madrid tem mais é que apoiar a nossa burrice. É um concorrente a menos... Mas a verdade é que não é só o presidente Sarney que mente a esse respeito. O sr. Bresser Pereira também tem-se dado a “omissões estratégicas”. Afinal, não é outro senão ele que vive citando os exemplos do México, da Argentina (que também paga 0,85% da Libor) e das Filipinas, para “provar” que ir ao FMI “não adianta nada”...

Como se vê, acumulam-se os sinais de que o sr. Bresser Pereira “virou mesmo a casaca”. E se é este mesmo o caso, confessamos que lhe custou menos do que esperávamos que custasse desistir de todo o resto pelo poder. Torcemos para estarmos errados, para o bem do Brasil. Mas se não estivermos, os próximos capítulos desta novela nada criativa serão os seguintes: de concessão em concessão aos políticos, mais o plano Bresser “rodará”, e mais aumentará a arrogância do ministro e as arbitrariedades do governo. Com a realidade à solta o “jeito” que encontrarão será esticar ao máximo o congelamento, para que ela não apareça inteira, é atacar com fúria redobrada o bolso dos contribuintes. Com isso aumentará a desorganização da produção, e voltarão o ágio e as acusações contra a empresa privada, junto com algumas concessões demagógicas na área de salários que agravarão ainda mais o quadro. A CUT, agradecida, ressurgirá das cinzas e a coisa irá indo assim até onde der. Quando não der mais, aqueles a quem o ministro fez concessões “se rebelarão”, pedirão sua cabeça e “uma nova equipe econômica” tomará posse, encarregada de aplicar um novo choque, desta vez “sem os erros do passado”...

A esta altura, porém, o “preço” do mandato de cinco anos do presidente Sarney estará muito mais alto, será um ano de eleições (gerais, talvez?) e a nova equipe “não terá condições políticas de agir”. O problema social, a esta altura, estará explodindo. Então...

Se ainda houver um então, talvez o ex-ministro Bresser Pereira saia por aí dando entrevistas, como está fazendo hoje, por exemplo, o “pai do Cruzado”, Pérsio Arida, ou o ex-ministro Delfim Netto, dizendo a verdade inteira, nua e crua. Dirá, como disse Pérsio Arida à Veja nesta semana, que “sem o controle do déficit público a ameaça da inflação continuará presente”; que “não há fórmula econômica que tenha sucesso no Brasil se o Estado não for dominado”; que “é preciso começar pela demissão dos funcionários públicos supérfluos” porque, “enquanto não se tomar esta decisão, não há justificativa para aumentar impostos”; que “num contexto de orçamento desequilibrado todo gasto público,

seja de custeio ou de investimento, repercute sobre o cidadão como um imposto na forma de inflação”, e que este imposto “é pago basicamente por quem não tem como se defender da inflação, como os assalariados e os aposentados”. Dirá, enfim, como disse Pérsio Arida, que “ser progressista no Brasil, hoje, implica atacar o gasto público”, e que, portanto, “réacionários” são “os outros”, e que “não se pode continuar jogando com a ignorância do cidadão”.

Mas então, já não adiantará nada dizer essas verdades todas. Como Pérsio Arida e tantos outros, o ex-ministro Bresser Pereira será, então, apenas mais uma das vozes que clamam no deserto. Terá perdido a oportunidade de prestar um serviço à Nação junto com o seu pedido de demissão, para deixar claro que não compactua com os que exploram o Brasil (Arida, que não era ministro, teve pelo menos a dignidade de pedir demissão quando disse tudo isso ao seu ministro em Carajás e não foi ouvido). Terá perdido a oportunidade de realmente mudar alguma coisa, pelo impacto de sua atitude.

Será apenas mais um que não foi quando poderia ter sido; outro exemplo que confirma a maldição dos “homens públicos” (com aspas) brasileiros...